

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — *Nova Typographia de Paula Brito* — rua do Cano n. 44, onde se assigna a 50000 rs. por seis mezes para a corte, e 60000 rs. para fóra, pagos adelantados, e tambem na praça da Constituição n. 64. Ns. avulsos, 100 rs.

A MARMOTA.

AO PUBLICO.

A MARMOTA continúa até o fim do anno, não só porque temos assignaturas prezas, que terminam umas em outubro e outras em dezembro, como porque assim o querem dedicados amigos nossos.

As pessoas, por tanto, que nos derem assignaturas novas, terão de premio as obras que já promettemos, do seguinte modo:

—Para duas assignaturas (10%) a — *Questão de Dinheiro*, comedia de A. Dumas filho, traduzida pelo Sr. J. J. da Rocha.

—Para quatro (20%), a mesma obra e mais o — *Primo da California* — comedia pelo Sr. Dr. Macedo.

—Para seis (30%), além das comedias acima, mais o — *Fantasma Branco* — do mesmo autor.

—Para oito (40%), todas essas obras e mais as — *Fabulas de Esopo* — em quadrinhas, por Paula Brito, que estão ao alcance de todas as intelligencias.

Para dez (50%), a — *Confederação dos Tamoyos* — poema pelo Sr. Dr. Magalhães.

Tudo isto se realisa na praça da constituição n. 64, ou na rua do cano n. 44, verificando-se assim um premio de 10 por % nos 3 primeiros casos, e 12 nos dous ultimos, por isso que as Fabulas custam 2%, e o poema 6%, em brochura.

P O L E T I M .

D. NARCISA DE VILLAR.

Legenda do tempo colonial

PELA INDIGENA DO YPIRANGA.

(Principiou no n. 942.)

—Pois é justamente o que acabo de dizer. Se tivesses nascido nesse circulo que o mundo chama illustre nascimento, não serias delle desprezado.

—Mas tambem eu não seria Leonardo, e desconheceria os dotes de tua alma; não gozaria as ineffaveis delicias de um amor puro e honesto, que se infiltra nas minhas

AOS

SEUS ANOS

Em 18 de Junho de 1858.

Por entre as flores murmurando breve
A brisa corre pelo espaço além
E já brincando com a relva amena
Saúda a aurora que surgindo vem.

A lymph a pura em crystallinas ondas
Por entre o prado lá se vê fugir;
E os passarinhos c'um gorgeio terno
No bosque umbroso já se estão a ouvir.

De lindas galas se reveste, immenso
Todo esse espaço da relva natura,
E tudo, tudo que se mostra á vista
Hoje nos fella de magia pura!

E o mago encanto de prazer e enleio
Que reina em tudo com divino gozo,
Nos annuncia que, d'Eulina bella,
E' hoje o dia de natal mimoso!

D'Eulina, o anjo, que d'amor sorriu-me
Após que vi-me só entregue ao mundo,
E que me ha dado dilatados dias
Da meiga dita, de prazer jucundo.

D'Eulina a estrella que encontrei sorrindo
Em um momento de feliz magia,
Brilhando grata, qual jamais na terra
Luzindo estrella divisára um dia!

Da linda virgem finalmente oinla
Que em bella noite vi sorrir pro mim,
E que nos braços estreitei ditoso,
E os ternos labios lhe beijei por fim.

veias como o ar que respiro. Rico e poderoso, minha amiga, a cobiça só me guiaria a ti, e o amor, que tu me inspirarias, seria um capricho, uma paixão dos sentidos, que alguns dias de gozo bastariam para m'a vulgarisar, o buscaria longe de ti, e com rivaes que te substituissem, a distração que tous encantos já me não podiam dar.

—Oh! pois é assim o casamento dos ricos, dos nobres?

—Sim; eu jámais te fallaria a sós, senão com tanta polidez, como se fosse a primeira vez que te visse: jámais entre nós haveria esta amavel expansão d'alma, essa confiança reciproca que faz a felicidade da vida domestica e que é a delicia do amor conjugal. Andaria sempre cuidadoso de, na tua presença, guardar tanto decôro que te obrigasse a respeitar-me como teu superior, e pela tua timidez alcançar a tua obediencia e fidelidade.

A natureza mais se adorna em galas
Assim festiva neste dia tal,
E o mundo inteiro se ditoso mostra
Saú dando grato seu feliz natal.

E eu mais imp'ldo cada vez me sinto
Preito a render-lhe de affeição bein justa,
Porque se encerra no seu peito amante
O santo asylo da virtude augusta.

Miguel Corrêa Bragança.

O CÃO MUSICO.

PARA A SOCIEDADE — PETALOGICA
VER E APRECIAR.

No decimo oitavo seculo, dizia uma mulher celebre, fallando dos espirituosos escriptores que frequentavam assiduamente sua casa:

« Espero meus animaes. »
« Oh! o pobre homem não é máo; é muito animal, » exclamava uma velha criada defendendo seu amo, o mais innocuo e malicioso de nossos poetas.

Houve sempre homens de espirito que foram animaes!... Em compensação, porém, têm havido animaes de muito espirito. Sobre estes ultimos, vamos citar alguns factos apanhados ao acaso, ineditos ou pouco conhecidos.

O elogio do cão seria o mais velho dos lugares communs, se aqui o pretendessemos fazer. Tudo se tem dito sobre a intelligencia e virtudes deste precioso amigo do homem.

O cão vive e morre por seu senhor, guia ao velho de andar incerto, protege o orphão desvalido, defende o rebanho perseguido, afugenta o ladrão traçoceiro, salva o afogado sem remedio, descobre thesouros perdidos, bate-se em duello para punir um assassino,

—Oh meu Deus! que horrendo quadro! Antes quizera ser freira!

—Sim, minha Narcisa, e mais feio ainda t'o daria a conhecer, se não temesse contristar-te. Deixemos esses pensamentos tão penosos para tua mente tão pura. Tu me amas tal, qual sou, e eu te amo pelas tuas raras virtudes, pelo teu coração, por tudo enfim de sublime que possues e que me faz amar em ti a Deos que me dá vida. Dizendo isto, elle apertou em seus braços a moça, e sua bocca procurou os labios da donzella como a flor desfallecida pela tempestade procura os raios do sol para reviver! O filho da India deitou a cabeça de sua amada no seu peito, como se fóra a de uma criança e procurou acalentá-la como a mais terna mãe acalenta seu filhinho. Dorme, dorme aqui, dizia elle embalando-a, sobre este coração que sentes bater tão fortemente, porque sou

faz toda a sorte de exercicio, representa a comedia, vira o espêto no fogo, respeita a comida que se lhe prohibe do tocar... em uma palavra, vale mais que nós pela doçura de coração, pela verdadeira amizade, pela dedicação á toda prova, não lhe faltando finalmente senão o dom da palavra para exprimir seus sentimentos, e o uso de uma mão como a nossa para escrevel-os.

Entre todas as qualidades que nelle temos a satisfação de reconhecer, uma existo por todos geralmente ignorada: o cão é musico!

Assim, quando ouvirdes algum destes animaes uivar cruelmente ao som de alguma trompa mal tocada, no floreio agudo da corneta e outros instrumentos de sopro, ou ainda de alguma algazarra de cónivas em brigados, não concluais logo que os seus latidos exprimem a satisfação ou o desejo de fazer parte desses motins, ao contrario elle se desgosta, repara e os patêa a seu modo, porque tendo o ouvido, assim como o olfacto, de uma delicadeza exquisita, todo o som desafinado que actuar em suas oussas o incommoda grandemente.

Em uma collecção de aneddotas escolhidas sobre os primeiros tempos da revolução franceza fallava-se largamente de um cão que era a maravilha do povo parisiense dessa época. Tinha-se-lhe dado o nome de *Parada*, porque elle jámais faltava a uma parada nas Tulherias, a um arrumamento de tropa, embora distante da cidade. O animal todas as manhãs encaminhava-se para esse grandioso jardim, acompanhando os musicos militares, collocava-se na primeira linha das tropas, afastando-se desdenhosamente da multidão de amadores vulgares. Era de noite que a verdadeiras festas se entregava. Sua reputação e seu modo de portar-se lhe fizeram grangear uma estrada nos theatros da Opera, e do canto italiano. Ahí, silencioso e quieto, religiosamente escutava a peça que se cantava, sem que na mais insignificante cousa perturbasse a representação: cousa rara entre os que frequentam gratuitamente o theatro.

Antes da hora do espectáculo se *Parada* encontrava algum musico conhecido pelo seu merito artistico, seguia-o, e se este o convidava a entrar em alguma casa de pasto ou café, o cão aceitava de boa vontade. Comia do jantar de seu amigo e tomava do seu café; mas terminado isto, deixava seu amigo e encaminhava-se para o theatro que escolhera para aquella noite. Não accompa-

— Sim, meu bom amigo, dormirei aqui, e meus sonhos serão felizes assim embalada!...

Contemplando com ternura o oval primoroso daquelle bello rosto, como a mãe do deserto contempla gloriosa as feições do filho que ella embala no berço aéreo que ergue entre os ramos da magnolia, o manco sentia o coração transbordar de doce felicidade, e outra ambição, outros desejos não vieram embaciar a pureza de seu sublime amor. Era por certo um quadro toante e bello o que completavam esses jovens e castos amantes! Dentro da gruta reinava profundo socego, só se ouvia o arruido exterior da chuva e do vento, junto com o longínquo som do mar, que furibundo batia na praia.

De repente, bulha de passos e vozes se fizeram ouvir, e logo ao mesmo tempo a gruta foi inundada de luz pelo clarão de tochas

nhava a ninguém, nem entrava em casa alguma e sabia admiravelmente repellir toda e qualquer tentativa feita á sua liberdade. Independente e folgazão como um verdadeiro artista, não acceitava ninguém por seu senhor, apesar dos esforços que se fizessem por acariciar-lhe, ou dos rigores com elle despendidos.

Em summa, era um vagabundo original e perigoso; mas nunca fez mal a ninguém, nunca a ninguém foi util; tal foi a sua vida. Fallemos agora de um outro cão que por espaço de muitos annos mereceu igualmente a estima e admiração dos habitantes do Darmstad.

Este cão era propriedade de um negociante abastado que, como bom Allemão, não conhecia outro prazer, outro entretenimento além do que a musica offerece. Não contento com a que ouvia nos bailes, nos concertos, nos theatros que assistia, tinha em sua casa uma excellente orchestra. Mulher, visitas, criados, nenhum delles podia fallar-lhe ou estar a seu lado sem que fizesse alguma cousa, com a bocca, pé, mão, etc., e produzisse um som cadente. Logo que seus filhos chegavam a certa idade, obrigava-os a tocar um instrumento primeiro que a ler o A B C. O cão era o unico que não podia satisfazer este desejo; fez delle um censor.

A cada exercicio musical, o cão era collocado perto do regente da orchestra, e ahí, quando algum musico tirava uma nota falsa, elle uivava, e se o erro era repetido, redobrava.

Pretendem, é verdade, que, para ajudar a intelligencia do animal, o negociante monomaniaco, todas as vezes que os musicos erravam batia com sua batuta, que era uma bengala, não no que havia cometido o erro, mas no pobre cão preso em um lugar elevado, especie de pulpito.

Toda a educação é cheia de mysterios, mas os fins justificam os meios. O cão adquirira uma tal segurança de afinação no ouvido, que excedeu a seu mestre, e qualquer professor por mais habil não chegava aos pés do cão!

A noticia desta maravilha grassou por toda a parte. Duvidava-se de sua veracidade: o capitalista para provar a existencia do facto, conduziu o cão ao theatro italiano, onde se representava uma peça já por elle ouvida. Ahí, o cão uivou tantas vezes e tão a pro-

que muitos homens traziam. Os dous moços estremeceram sorpresos, e a irmã de D. Martin de Villar ainda não tinha bem despertado de seu primeiro alerto, quando pensou morrer de susto reconhecendo diante de si seus terriveis irmãos!... A esta vista ella chegou-se ainda mais, agarrando-se com todas as suas forças ao homem que no mundo era tudo para ella.

O homem grande estava de pé defronte de sua irmã encarando com furor concentrado o grupo encantador dos dous amantes. Sua raiva, mal dissimulada, rugia dentro delle como os mineraes dentro das entrañas da terra se debatem fazendo-a estremecer antes de sahirem em accessos volcões; nada, contudo, trahia essa medonha colera senão um pequeno e rapido estremeamento nos musculos. Seus olhos estavam vermelhos como olhos do tigre, e seus labios ora contrahidos, ora dilatados em sardonicos

positos que todos, instrumentistas e cantores, ficaram convencidos e humillados.

Desde esse dia nenhum mão juiz aventurava qualquer critica senão depois do cão, e a reputação intrinseca dos artistas ficou firmada: quando o negociante assistia a uma representação ou a um concerto, o mais bello elogio que podiam ter os cantores, a *prima-donna*, o *tenor*, era o silencio do animal. Esta maneira de applaudir valia muito mais que as palmas repetidas e entusiasticas e corôas custosas dadas pelos frequentadores assalariados de nossos dias, que fazem seu motim talvez para encobrir a má elocução e desafinado do cantor.

TRAD. POR BRÁULIO CORDEIRO.

TARDES DE UM PINTOR

OU

INTRIGAS DE UM JESUITA

(Principiou no n. 821, de 13 de Fevereiro de 1857, e foi suspensa no n. 823, de 20 do mesmo mez e anno. Acabou o 1.º vol. no n. 924).

Volume II.

(Principiou no n. 947.)

CAPÍTULO XVIII.

O CAMPO DE BATALHA.

Gomes Freire de Andrade tinha portido para Missões, como sabemos, á frente de mil homens, e levando dez peças. Não muito longe da foz do Casiquey reunio-se a Gomes Freire o conde de Valderios, governador então de Buenos-Ayres, á frente de uma columna de mil e quinhentos homens.

Este pequeno exercito luso-hispano adiantou sua marcha contra o inimigo, e junto da foz do Casiquey assentou seu campo para d'ahi mandar descobrir o campo contrario. Não foi porém preciso isto, que os atrevidos rebeldes pouparam nos dous generaes este trabalho, demandando elles mesmos o campo dos reaes exercitos.

Os dous generaes mandados pelos dous governos, sabendo que os indigenas, em nu-

sorridos, mostravam, quando se abriam, dentes grandes e agudos, como as pontas delgadas de um rochedo, que um cataclysmo abrio pelas suas lizes! Grande tinha sido a sua sobreza quando reconhecera o filho de Iphigenia como raptor de sua irmã, e era esta vista o que augmentava a sua colera até ao ponto em que acabamos de expôr.

Leonardo olhava tambem para o irmão de sua noiva, com olhar seguro e impassivel. Esse joven não se parecia com os outros companheiros de infortunio, e os Villares mal o conheciam. Surprehendidos tão cruelmente em seus sonhos dourados de amor e de ventura, elle não tinha tido tempo de dar um passo além do seu posto; e quando tornou a si desse inesperado encontro, tinha-se visto agarrado pelo ente que, fraco e precisando do seu apoio, o tornava valente e forte.

Cheio de gloria pelo thesouro que guarda-

mero de doze mil, desciam sobre elles, tomaram posições vantajosas, e esperaram, como salvedores d'arte da guerra, o encontro dos batalhões bisonhos dos filhos do deserto. Ah! pois pernoitou o exercito luso-hispano.

Antes de darmos conta do exito da batalha, digamos alguma coisa sobre estas Missões.

Em 1631 os missionarios da Companhia de Jesus começaram a prégar a religião da Cruz aos indios Guaranis, Tappes e Charruas, e ao mesmo tempo que os traziam ao gremio do Evangelho os iam civilisando, e reunindo-os em uma especie de casas para isto preparadas. Os indios do sexo masculino eram por natureza indolentes, e bem que amigos da novidade, eram contudo nullo de todo o talento inventivo; as mulheres, como sabemos, além de lascivas eram inconcipientes.

Os Jesuitas, que, como todos sabem, traduziam em seu favor todas as circumstancias que lhes eram ou podiam ser favoraveis, rouverteram as disposições naturaes dos indigenas, tanto de um, como de outro sexo. Instruindo-os, pois, na religião christã, tiveram todo o cuidado de os não contrariar em suas inclinações e seus habitos: eram os indios inclinados á musica, ensinaram-lhes a tanger alguns instrumentos e a cantar, e alimentaram sempre sua paixão bellicosa, que tão natural lhes era. Como eram inclinados á musica, o tambor quasi sempre se ouvia; acordavam-se e ao som delle trabalhavam. Nos dias de festas e quando havia enterros, eram os indios reunidos, com cujo ajuntamento davam os padres um ar de grave solemnidade a estes actos religiosos.

As Missões constavam de aldeias, e cada aldeia de uma igreja assaz decente, com proporções para duas mil pessoas ou mais, tendo a um lado um cemiterio, e ao outro um edificio, no qual se alojavam os padres, onde havia salas para escolas e officinas para diversos actos. Sobre os fundos notava-se um vasto jardim o pomar, e sobre a frente uma grande praça, formada dos tres lados por uma galeria symetricamente dividida em repartimentos de quatro braças de frente sobre vinte quatro de fundos e telhados todos. Pertencia um quarto á uma familia; alli tinha sua cosinha, e sobre macas ou redes que se suspendiam durante o dia, eram suas camas. Os homens eram empregados em amanhar as terras, o que faziam quasi nã, reservando seu facto para os Domingos e dias festivos; as mulheres fiavam continua-

va, não tendo em sua consciencia nada que exprobrar-se, o seu grande amor por D. Narciso não era um crime que o fizesse abaixar a cabeça diante dos orgulhosos parentes da moça; e se tinha recorrido á fuga, como unico meio de ser seu marido, era porque conhecia a impossibilidade invencivel ao consentimento de seus irmãos. Mas elle havia respeitado como devia a nobreza de seu caracter. Havia temido ser encontrado, não como o traidor teme o seu juiz, porém para subtrahir a sua amada á vingança cruel que estava certo ella soffreria. Na tyrannia e despotismo dos Snrs. de Villar havia encontrado motivo para proteger uma infeliz scuhora, e no seu amor tinha achado o direito de a defender. Agora, porém, que o tinham sorprendido e que não havia nenhum meio de subtrahir a donzella aos insultos e vituperios que lhe escarrariam á face oses homens sem coração, o filho de Iphi-

mente. Entretanto trabalhavam alternativamente para si e para a Companhia, sendo uma semana para cada um; e em compensação tinham tres rações de carne por semana para cada pessoa da familia, uma porção de mate, e algumas varas de panno de algodão grosso. Os homens que não se empregavam na lavoura eram artistas. Logo que se acordavam, iam uns para as roças e outros para as officinas. Os meninos eram tirados aos pais na idade de cinco ou seis annos, e postos n'uma escola, onde aprendiam a rezar sob direcção de dous indios idosos; as meninas eram guardadas por duas velhas. As mulheres que fiavam tinham por tarefa diaria dez onças de algodão, que deviam descarocar ou serem severamente castigadas.

Vinte annos depois deste estabelecimento o padre Montoya mandou-lhes ensinar o manejo das armas, e depois deu a estes indigenas um regulamento militar, prevenindo assim alguma sedição entre elles. Todos os Domingos de tarde, pois, faziam exercicio com armas de fogo e settas, ao toque de tambores.

Ahi eram amestrados em toda a sorte de evoluções militares, e em toda a qualidade de manobras concernentes a arte de guerra. Findo este exercicio, depositavam as armas em armazens para isto feitos, e alli ficavam até o novo exercicio do seguinte Domingo. Os padres não se descurdavam de premiar aquelles que bem se tinham havido nas evoluções e manobras.

Ora, que todos estes ensaios bellicos tinham seus fins, fossem elles quaes fossem, bem o comprova o procedimento dos padres; porque quando estes indios estavam já instruidos na arte de guerra, viu-se o padre Matheus Sanchez á frente de seus Tappes e Guaranis, sem que para isso tivesse um só motivo justificavel, ir guerrear aos Charruas com animo de os exterminar, ou é que elles tencionavam conquistar as tribus independentes para começarem assim o seu poder, ou queriam dar aos seus indios um ensaio mais formal n'uma guerra seria e perigosa!

(Continúa).

— Como pedissemos — dous nomes — apenas para que se augmentasse o numero dos nossos dignos subscriptores, um gaiato de bom gosto mandou-nos a seguinte carta:

Illm. Sr.

Tenho a honra de satisfazer o seu pedido.

genia apresentou-se ante o poder e a riqueza defendendo com franqueza e lealdade a honra da nobre orphã, que a calumnia romecava a manchar. Quanto á idéa de ser della separado, jamais pôde ter entrada em seu pensamento.

—Cão, que fazes ahi? disse por fim o homem grande ao moço, fazendo explosão de sua raiva. Estás incumbido de guardar o somno desta Sra?... acrescentou com a mais cruel ironia, fazendo allusão ao modo em que havia encontrado sua irmã na companhia do moço.

—Quasi que se aproximou da verdade, Sr., porque a esta Sra. tenho por obrigação proteger, disse Leonardo com um tom cheio de dignidade.

—Ah! sim; a tempestade a obrigou a recolher-se aqui, e tu a tens acompanhado, tornou D. Martim simulando a verdade; se-

Nome—1

Nome—1

2

Ora eis aqui dous nomes.

Se quer outra formula, eu a apresento por outra fórma; nomes de boa fórma.

Paula—1

Brito—1

2

Sou etc.

Kalidoscopo.

Lembrança de Minas no Rio de Janeiro.

Si deixas, Marília,
Será todo teu!

GOZAGA.

Na côrte, onde me encontro, neste immenso Arsenal de magnificas grandezas,
De ti me lembro, e te descrevo ó bella,
O que importante, vejo!

Vejo que do vapor os carros voam
Como vda o humno pensamento,
Enfriadados no ferro, despejando
Turbilhões de fumaças;

As mergulhadas rodas que retalliam
As equóreas campinas de Neptuno,
Fazendo que se veja de repente
Uns e outros lugares;

O gigantesco canal que não consente
A manilha de trevas estender-se,
Fazendo com accio—arte—e tudo
Quasi dia claro;

O centro das humanas raridades,
A colheita de tudo quanto é bello,
O Muséo, onde em tudo os homens notam
Um debuxo de Deos;

Os sonoros pianos dedilhados
Por de seda e setim mãos acciadas,
Parecendo seguir passo por passo
Os angelicos sons;

O Rio de Janeiro, emfim, já digo
Que, sehem que em principio, já reúne
Agentes que bem podem dar alívio
A' sonsa hypoerisia;

rás pago do teu serviço, meu rapaz. Por agora deixa-nos aliviar-te d'esse trabalho; nós a conduziremos á casa... e aproximou-se brutalmente da moça.

—Não lle toque, Sr.; e'ta Sra. nada quer de V. S., disse o moço resolutamente a guardar por qualquer meio o seu thesouro.

—Ah! ah! ah! pois ella por ventura não sabe que sou seu irmão? tornou o Sr. de Villar disfarçando a raiva com estroudosa gargalhada.

—E o Sr. não convem nos direitos de um esposo?

—E quem é esse esposo? perguntaram muitas vozes.

Eull!.. disse Leonardo com sublime o justa altivez.

(Continúa).

Em vez de aliviar minha saudade
E do peito arrancar-me duras setas,
Sendo meu coração a ti só dado,
Mais e mais as encravam!

Sinto um prazer igual, sendo contigo,
Em ver o gavião no ar ligeiro,
O canário trinar, gomer a rôla
Aos campos remoinhando;

Em ver, n'uma palavra, a natureza
A mais perfeita artista, tanto simples,
Em tudo admirando-a, e mais que tudo
Em te formar, ó bella,

Tão linda como a rosa em sua infancia,
Tão viva como a estrella em noite escura,
Tão firme como a perola, a que prestam
Tão grande aproço os homens!

O camponez do Danubio.

ANECDOTAS.

Amor do bello e do sublime:

— Não ha pessoa alguma que não tenha lido com admiração estes dous versos latinos que o poeta Nicolas Bourbon compoz, no reinado de Henrique VI, para servirem de inscripção ao arsenal de Paris:

*Aetna haec Henrico Vulcania tela ministrat,
Tela gigantes debella ura furoras.*

Santeuil, lendo-os, exclamou entusiasmado n'um momento de furor poetico:—Eu quizera ser o autor destes versos, ainda que por tel-os feito devesse morrer enforcado!

A licença poetica.

— João Dorat, celebre poeta do seculo decimo sexto, e que morreu em 1588, lembrou-se de casar, tendo 80 annos, com uma moça de 19; um dia em que alguém julgou dever fazer-lhe observações a este respeito, respondeu elle:

—Que querem!—*foi uma licença poetica.*

Alexandre o Grande.

— Os soldados de Alexandre tendo um dia feito uma supplica para que elle os licenciasse, respondeu-lhes este heróe:—*Ide, ingratos! fugi, covardes! eu conquistarei o mundo sem vós.* Alexandre hade achar sempre soldados em todos os lugares em que houverem homens.

Resposta de Diogenes.

— Os amigos de Diogenes tendo querido resgatal-o do captivo, disse-lhes o philosopho:—*Não caiam n'essa, imbecis; os leões não são escravos d'quelles que os alimentam, estes, pelo contrario, é que são escravos dos leões!*

Os Santos Procuradores.

— Ha Santos que foram advogados, sargentos, e até mesmo comediantes; emfim, não ha profissão por, mais baixa que seja, que não tenha dado um Santo ao calendario. Perguntando um dia alguém:

— Não ha Santos Procuradores?

— Não, respondeu um ouvinte.

— A razão?

— Os advogados que a dêem.

P. B.—*Trad.*

Resposta á uma carta de enterro.

Amigo! Que a Sra. D. Joanna morreu não ha duvida mais certa, por cujo motivo choro eu, choram todos desta casa, e choraria tambem sua mãe se fosse viva; eu lá me acharei no lugar indicado, e estou sempre prompto não só para o enterro della, como para o seu e de toda a sua illustre familia.

Carta de um rapaz a seu pai em Portugal.

Meu Pai—Esta é a *segunda* que lhe escrevo, e como só da *primeira* é que tive resposta, vou saber o motivo de semelhante falta, etc.

Enxada, machado e fouce.

Um ilhéu pedindo trabalho na fazenda do Sr. Barão de ... apresentaram-lhe a ferramenta, á vista do que, disse elle que não podia ficar ao seu serviço, porque não trabalhava com *enxada, machado e fouce*, e exigindo-se-lhe o motivo, disse elle—que sua mãe morrerá *inchada*; o medico que a tratára chamava-se *machado*, e elle entrando de fóra e perguntando-lhe pelo estado da doente, respondera-lhe este:—*foi-se!*... á vista do que, pedia ser attendido.

E dizem-nos que o foi, valha a verdade.

PERGUNTAS

E

RESPOSTAS

DIVERTIMENTO CURIOSO E AGRADAVEL PARA
TODO O ANNO E ESPECIALMENTE PARA A

Noite de S. João

Preço 1\$000.

N. B. Toda a resposta combina com a pergunta, qualquer que ella seja.

Exemplo:

- P. Sois appologista da Opera Nacional?
R. Decididamente.
P. Admirais a natureza?
R. Quando me vou deitar.
P. Concordais com o fechamento das lojas?
R. Ainda pergunta?
P. Convem na liberdade dos caixeiros?
R. Tem seus conformes.
P. Sois pela estrada de ferro?
R. Ora, morreu o Neves!..
P. Gosta de mim?
R. Lêa no meu semblante.
P. Convem na emancipação das mulheres?
R. Tenho cá meus principios.
P. Acha boa a actualidade?
R. Sou da época.
P. Interessa-se por quem lhe ama?
R. Sobre tudo n'um bosque.
P. Gostais de fazer bem?
R. Nada ganhais em sabel-o.

Assim como dá estas, dá outras muitas respostas, concedendo, negando ou mostrando indifferença, mas sempre com graça, espirito e certa conveniencia que agrada e ás vezes vem muito ao caso, como se vê:

- P. Sois appologista da Opera Nacional?
R. Nada ganhais em sabel-o.
P. Admirais a natureza?
R. Decididamente.
P. Concordais com o fechamento das lojas?
R. Sou da época.
P. Convem na liberdade dos caixeiros?
R. Sobre tudo n'um bosque.
P. Sois pela estrada de ferro?
R. Lêa no meu semblante.
P. Gosta de mim?
R. Tenho cá meus principios.
P. Gostais de fazer bem?
R. Quando me vou deitar.
P. Interessa-se por quem lhe ama?
R. Ainda pergunta?
P. Acha boa a actualidade?
R. Tem seus conformes.
P. Convem na emancipação das mulheres?
R. Ora, morreu o Neves!..

Vendem-se na rua do cano n. 44 e na praça da constituição n. 65. Preço 1\$000

Charada.

Eil-o em furia costumado
Mil perigos a mostrar.....1
Que do homem sou pronome
Não se pôde duvidar.....2

CONCEITO.

Pois deveras o leitor
Inda não me decifrou?
Pois olhe, neste momento
Já meu nome lhe lembrou.

Calazans Peizoto.

Metagramma.

—Do quatro letras composto
(Nada de letras dobradas),
Quem assim é faz que os outros
De o verem soltem risadas.
—Muda meu primeiro pe,
E verás que o advogado
Quasi sempre da malicia
Me quer ver acompanhado.
—Muda outra vez e terás
Os mais ardentes desejos
De dar no da tua amada
Uns após outros mil beijos.
—Torna a mudar e n'um jogo
Verás que quem jogo tem
Falla primeiro, e procura
Ganhar no jogo tambem.
—E se sobre uma das letras
Puzeres um signalzinho,
Sendo bem feito, se torna
Excellente bocadinho!
—Muda-me ainda uma vez,
E te assegurar não temo
Que no mundo um rival tenho,
De mim elle, ou d'elle extremo!

P. B.

— A decifração da charada do numero antecedente é *Temperamento.*

Typographias de Paula Brito
Rua do Cano n. 44 e praça da Constituição n. 65.